

<http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-4>

## **MEMÓRIAS, IMIGRANTES E IMPRENSA: Diferentes narrativas em Caxias do Sul no tempo presente\***

*Gláucia de Oliveira Assis\*\*  
Assis Felipe Menin\*\*\**

**RESUMO:** Este trabalho pretende discutir como deslocamentos contemporâneos provocados por desastres ambientais e fechamento de fronteiras têm produzido novos movimentos de população. O caso dos haitianos é emblemático, pois começaram a chegar ao Brasil logo após o terremoto de 2010, e, no final de 2015, já somavam cerca de 40.000 haitianos no país. Esse artigo pretende discutir o contexto da saída dos haitianos e senegaleses de seus países e o acolhimento dos mesmos no Brasil, em particular na cidade de Caxias do Sul, cidade caracterizada como uma cidade de imigração italiana e que começa a receber imigrantes haitianos desde 2011 e senegaleses a partir de 2012. O artigo será desenvolvido em três partes: a primeira retrata a imigração positivada, ou seja, a imigração italiana; em um segundo momento, nos deteremos nas representações com os novos imigrantes, haitianos e senegaleses nas páginas da imprensa; e, por fim, encerraremos com as entrevistas orais com os imigrantes haitianos e senegaleses em Caxias do Sul. As fontes são relatos orais e jornais da região que retratam as rotas, o cotidiano, o trabalho e o preconceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação. História Oral. Imigração.

**ABSTRACT:** This paper discusses how contemporary displacements caused by environmental disasters and border closures have produced new population movements. The case of Haiti is emblematic, because Haitians began to arrive in Brazil after the 2010 earthquake, and, at the end of 2015, there were already about 40,000 Haitians in the country. This article discusses the context of the departure of the Haitian and the Senegalese from their countries and how they were hosted in Brazil, particularly in the city of Caxias do Sul, which, initially characterized as a city of Italian immigration, began to receive Haitian immigrants since 2011, and Senegalese immigrants since 2012. This article will be developed in three parts: the first part portrays the positively valued immigration, namely the Italian immigration; in a second moment, we will concentrate on the representations of the new Haitian and Senegalese immigrants on the press pages; and, finally, we will close the discussion with the oral interviews carried out with the Haitian and Senegalese immigrants in Caxias do Sul. The sources are the oral reports and regional newspapers that depict their routes, their daily lives, their work and prejudice.

**KEYWORDS:** Representation. Oral History. Immigration.

### **1 - A narrativa positivada da imigração italiana: a (re)construção da italianidade**

---

\* Este texto foi apresentado no 4º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações na Universidade Federal de Santa Catarina em setembro de 2016. Ao original, acrescentamos novas entrevistas e dados.

\*\* Professora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. Coordenadora do Observatório das Migrações de Santa Catarina.

\*\*\* Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado intitulada: "Entre 'velhos' e novos imigrantes: Memórias e Representações em Caxias do Sul no Tempo Presente (2005-2016)", sob orientação da profa. dra. Gláucia de Oliveira Assis.

Caxias do Sul é uma cidade da Serra Gaúcha que recebeu famílias de imigrantes italianos no final do século XIX e no início do século XX. Na cidade, a memória da italianidade é constantemente reelaborada, ressignificada e rememorada. A experiência migratória dos descendentes dos imigrantes italianos que chegaram no final do século XIX passa por um *review* constante por parte das elites políticas, intelectuais e econômicas da cidade. O processo de reelaboração deste sentimento de pertencimento parte de uma construção a partir de alguns elementos da memória coletiva da classe trabalhadora ou dos colonos, ou, ainda, do próprio poder público. Tais elementos são selecionados e reenquadrados, como veremos adiante, dando destaque a esta imigração, reacendendo os imaginários de pioneiro, colonizador e braço civilizatório do Sul do Brasil.

Conforme observam Santos e Zanini (2009), o antigo núcleo colonial de Caxias do Sul se transformou em cidade de porte médio e é, contemporaneamente, uma das regiões mais desenvolvidas do Rio Grande do Sul. Segundo as autoras, a cidade cresceu sob a hegemonia da população italiana. À medida que cresceu e se industrializou, começou a atrair migrantes das regiões circunvizinhas. Inicialmente, eram os colonos (descendentes de imigrantes) da região rural do próprio município, criado em 1890, e de municípios vizinhos da encosta nordeste da Serra Gaúcha, também de origem italiana. Mais tarde, esta atração se estendeu à população dos chamados “Campos de Cima da Serra” e às colônias alemãs. Este processo se acelerou nos anos 1950, com a migração rural-urbana, atraindo migrantes internos, que buscaram trabalho na microrregião da viticultura e nas indústrias. Nesse processo, a cidade se torna um polo de atração de migração interna. As histórias sobre a história da cidade e suas festas típicas continuaram, entretanto, a marcar sua italianidade.

Esse breve relato do processo de crescimento e urbanização demonstra como a cidade cresceu e se tornou um polo industrial, atraindo migrantes internos. No entanto, como poderemos observar nas narrativas do poder público, principalmente em torno da Festa da Uva, das festas étnicas e da rememoração da italianidade, muitas vezes invisibilizaram a presença de outros grupos migrantes, principalmente os mais recentes. As representações sobre as italianidades são reforçadas nas festas étnicas (SANTOS, 2015), a partir de certas representações típicas em torno da família, do trabalho e da religião. Tais narrativas são apropriadas pelo poder público, por reforçarem a ideia de migrante bem-sucedido, e dos italianos e seus descendentes como povo trabalhador.

O poder público municipal insiste na primazia deste grupo. O *folder* (Figura 1) mostra uma das figuras mais constantes nas narrativas sobre a italianidade em Caxias do Sul. É através dela e de seus discursos que a ideologia do progresso e do trabalho se mantém. Podem-se perceber, pelo *folder*, além da comemoração dos 140 anos da imigração italiana, as imagens de um passado glorioso que representa toda a cidade, muitas vezes não fazendo menção a outros grupos que ajudaram em seu desenvolvimento. Segundo Chartier (1991), a “representação coletiva” é construída por um grupo que legitima a versão oficial. Nela se inspiram muitas das narrativas da imigração do século passado, que ainda ecoam no tempo presente.

Os usos do passado também se fazem presentes no tempo presente das rainhas da Festa da Uva, embora de forma mais singela, conforme mostra Santos (2015). Em 1950, a rainha da festa, que era de Vacaria (RS), sofreu discriminação por não ser de “origem italiana”. Assim, a imagem que se tem sobre a Festa da Uva recai sobre as rainhas, símbolo da mulher idealizada, branca, magra, de olhos e cabelos claros. É aquela que “vende” o imaginário de Caxias do Sul como uma cidade de “italianos”. De acordo com o jornal *Pioneiro*, as candidatas a rainha da Festa da Uva de 2016 precisam saber fazer a polenta:

A animação da tarde ficou por conta do gaiteiro Ademir José Conterato, 62 anos. As tarefas cumpridas pelas meninas foram observadas de perto pelas nonas. Elas cozinharam polenta, responderam a um questionário com

expressões em *talian*<sup>45</sup>, aprenderam a fazer *dressa* com dona Gema, amassaram, cortaram e fecharam os *agnoline*. O gaiteiro, Conterato, puxou a cantoria em italiano. (PIONEIRO, 31 jul. 2015).

O *folder* de 2015, que comemora os 140 anos da imigração italiana, mostra, no centro, a imagem da uva, por ocasião da Festa da Uva<sup>46</sup>, dando destaque a alguns produtos, como o queijo e o salame, que representam os descendentes e os imigrantes italianos; a enxada, os colonos desbravadores; finalmente, a engrenagem, que se junta às ferramentas que “transformaram a História do Sul, fé e trabalho!” A ideia de pioneirismo e desenvolvimento para a cidade colabora com a representação que se faz das memórias familiares e contribui com o esforço de uma representação que continua sendo a tríade dos descendentes de italianos na região: família, trabalho e fé. Assim têm observado Santos e Zanini (2009) e Zanini (2006).

**Figura 1 – Folder da Prefeitura de Caxias do Sul em comemoração aos 140 anos da Imigração Italiana em 2015**



Fonte: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.  
Disponível em: <[https://www.caxias.rs.gov.br/\\_uploads/cultura/SMC140anos.pdf](https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/cultura/SMC140anos.pdf)>  
Acesso em: 23 nov. 2015.

As imagens de homens e mulheres representam ao mesmo tempo uma experiência de passado e de presente. Na esteira de Koselleck (2006), acrescentamos que a ficção e a realidade se misturam, formando experiências e expectativas tensas. O tema da Festa da Uva

<sup>45</sup> Em 2014, o dialeto *talian* tornou-se patrimônio imaterial de diversidade linguística, falado nos estudos Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e Mato Grosso. Poderíamos dizer que esta também é uma reconstrução da italianidade, não apenas em Caxias do Sul, mas em todo o Brasil.

<sup>46</sup> A Festa da Uva em Caxias do Sul/RS ocorre desde 1931 e é realizada de dois e dois anos. Segundo Santos (2015, p.101), “a festa elitista remete para a ideia de distinção entre os descendentes de italianos e os brasileiros, e para forjar uma identidade étnica de ítalo-gaúchos”.

de 2016 – *Imagens e horizontes* – pode ser sustentado pelas experiências do passado através destas reproduções imagéticas. Também tem relação com o político, encaminhando para um horizonte de expectativas o futuro das festas e de suas representações.

A festa de 2014, que teve como tema *Na alegria da diversidade*, mostra um *folder* com vários grãos que representam impressões digitais dos povoadores de Caxias do Sul, e presta um tributo ao Monumento Nacional ao Imigrante<sup>47</sup>, procurando homenagear todos os imigrantes que povoaram Caxias e a nação brasileira. Até hoje, porém, esse monumento, lançado em 1951, suscita questionamentos sobre quem realmente ele representa. O monumento em bronze apresenta um casal de agricultores, a mulher com uma criança nos braços e o homem com uma enxada no ombro, e vestimentas do final do século XIX. Em manchete do jornal *Pioneiro*, lê-se na primeira página:

Muito mais que prestar uma homenagem à mola propulsora de nossa colonização, a Festa Nacional da Uva conta com a saga de um povo que, com coragem, trabalho e dedicação, desbravou e colonizou a Serra Gaúcha. A celebração integra a história de Caxias do Sul desde 1931, e a cada dois anos enche a cidade de orgulho. (PIONEIRO, 24 fev. 2014).

O cartaz dos 140 Anos da Imigração Italiana, produzido pela prefeitura de Caxias do Sul, teve características parecidas com as do *folder* oficial da Festa da Uva de 2016, *Imagens e horizontes*. Neles estão representados, como aponta o jornal *Pioneiro*:

A uva e o vinho [...] ilustrados com cachos, barricas e videiras. A engrenagem lembra a produtividade e a força do trabalho do povo de origem italiana. Há também uma imagem do Monumento Jesus Terceiro Milênio, remetendo à fé do povo daqui. (PIONEIRO, 5 ago. 2015).

Por estas celebrações, os descendentes de italianos destacam sua ascendência, mas sabem que ela não é mais a que predomina na cidade de quase 500 mil habitantes. Mesmo assim, as narrativas de um poder legitimador identitário, citado por Castells (2008), visa ao menos manter tal imaginário, com a intenção de o expandir: neste caso, Caxias do Sul como o de uma “Itália Gaúcha”. O cenário se presta a reinventar tradições, de acordo com o quadro de invenção das tradições proposto por Hobsbawm e Ranger (1997). Diversos elementos arrolados como tipicamente italianos na verdade são recriações acerca do passado migratório, atualizadas no presente pelos descendentes que fazem questão de celebrar suas raízes e suas tão decantadas qualidades. Este processo tem sido observado em outras regiões de colonização italiana e as festas étnicas têm importante lugar nesse processo de reinvenção das tradições (PAGNOTTA e ASSIS, 2017).

Esse comentário a respeito do imaginário, ainda presente na região de Caxias do Sul, é importante para que se compreendam os impactos da presença dos novos migrantes, que começaram a chegar à cidade a partir de meados dos anos 2000 – grupos de haitianos e senegaleses –, e a repercussão sobre os imaginários a partir de ideias acerca de migração, pertencimentos étnicos e da própria branquitude na cidade.

## **2 - A imigração recente de haitianos e senegaleses como “problema”**

A respeito dos novos imigrantes – os já citados haitianos e senegaleses – na segunda década dos anos 2000, as representações nem sempre foram positivas, tanto em afirmações de representantes do poder público, quanto da própria imprensa, e assim ainda continuam.

É preciso esclarecer que, embora se intensifique a chegada de imigrantes em Caxias

<sup>47</sup> Monumento Nacional do Imigrante, inaugurado em 1954 em Caxias do Sul. O então presidente da República, Getúlio Vargas, anunciava que o monumento era representativo de todas as etnias que haviam construído Caxias do Sul e o próprio Rio Grande do Sul.

do Sul a partir de 2012, é somente em 2014 que as notícias sobre eles ganham maior repercussão. Dentre as consequências, um certo pânico em relação aos estrangeiros<sup>48</sup>: medo da crise e aumento dos estigmas e do preconceito. Outro fator que contribuiu para a imagem do imigrante recente como ‘invasor’ e ‘aproveitador’ foi a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Veremos isso mais à frente.

O período de maior concentração de matérias sobre os imigrantes em Caxias do Sul é o que intercorre entre 2013 e 2015. Temos concentrado o trabalho na leitura de jornais impressos e alguns *sites*, como o *G1RS*, em diferentes formatos, reportagens, opiniões, editoriais, carta de leitores, notas etc.

O jornal local desempenha um papel importante como formador de opinião, o que explica a necessidade, após haver provocado um impacto negativo, de se desfazer a “má impressão”. Como em “estabelecidos e outsiders”, de Norbert Elias (2000), quem estabelece se são bons ou maus é o grupo dominante, que tem ou se atribui o poder de representar o “outro”.

O jornal *Pioneiro* informa aos seus leitores quanto aos novos moradores: “Nos últimos meses, o cenário urbano de Caxias tem se modificado com a presença dos migrantes. A sós ou em grupos, é comum avistá-los na área central vendendo produtos de procedência duvidosa” (PIONEIRO, 17 maio 2014). Procura “acalmar” o cidadão ao realizar entrevista com o chefe da Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas: “A ‘ficha limpa’ conta muito no momento da contratação. Não há em Caxias registros de ocorrência policial envolvendo estes migrantes” (Idem). E continua informando que: “Tanto a Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas (Defrec), quanto a 2ª Delegacia de Pronto-Atendimento (2ª DPPA) não registraram ocorrências criminais envolvendo esses estrangeiros como protagonistas, a não ser como vítimas” (Idem). Durante a entrevista, o titular da Defrec “atesta o perfil pacífico deles e desconhece qualquer caso em que estejam envolvidos com tráfico ou roubo, por exemplo” (Idem).

Após a matéria do jornal “investigar” quem são esses imigrantes e de “acalmar” o cidadão de bem, informa que são bons trabalhadores, acrescentando ainda: “Se dedicam com afinco, são assíduos ao trabalho e não geram rotatividades nas empresas; acabam provocando até mesmo desconforto nos colegas por serem tão disciplinados em suas funções” (Idem).

Esta narrativa se alinha com o estudo de Herédia e Tedesco (2015) sobre os senegaleses em Caxias do Sul. Os autores mostram que, ao mesmo tempo em que se constrói uma narrativa negativa a respeito desta imigração, por outro lado, quer-se mostrar que eles são “úteis”.

Dentre os indicadores de construção do pânico moral referentes a imigrantes nos estudos de Gomes (2013), pode-se dizer que pelo menos quatro estão presentes nas representações sobre os imigrantes haitianos e senegaleses na matéria sobre os imigrantes em Caxias do Sul: a desproporcionalidade, a preocupação, a hostilidade e o consenso.

Além disso, a matéria informa que os “estrangeiros” vêm em busca de emprego e que “a cidade, de 465 mil habitantes, [tem] entre eles 3 mil imigrantes senegaleses e haitianos”. Outra matéria, ainda do *G1*, de 15 de julho de 2014, expõe a imigração como invasão, apontando a Copa do Mundo de 2014 como oportunidade para a invasão: “Após a invasão de ganeses no RS, municípios oferecem emprego: imigrantes estão em Caxias do Sul e tentam protocolar pedido de refúgio. Município da Serra acolhe estrangeiros desde 2012” (Idem, 15 jul. 2014).

As notícias, tanto em nível nacional quanto em nível local, sobre os imigrantes são

<sup>48</sup> O pânico moral se refere às narrativas jornalísticas que produzem medo e preconceito e estigmatizam certos grupos sociais, tratando-os como uma ameaça, seja por trazer doenças, seja por sua origem religiosa, por sua filiação política ou por algum outro comportamento associado ao grupo que passa a ser associado a problemas, causando medo e preconceito em relação ao grupo. É o que se tem observado em relação a certos grupos de imigrantes que chegaram ao Brasil. Como no caso de ganeses, que também chegaram ao Brasil na época da copa. Um deles, que tinha solicitação de refúgio, ao ser identificado como suspeito de Ebola, foi alvo de exposição de sua identidade e de toda a forma de pânico e preconceito. Ver Moratti, S. F.; Assis, G. (2017).

informações falhas sobre motivos, causas e necessidades dos imigrantes. Na “sopa de etnias” da notícia do *G1*, expõem um enquadramento de reportagem objetiva e que busca chamar a atenção das pessoas para a leitura (GOMES, 2013).

A cidade símbolo dos imigrantes parece não ser tão receptiva quando se analisam as reportagens da imprensa caxiense sobre os novos imigrantes. Segundo Cogo:

Nomeados como ilegais, clandestinos, irregulares, refugiados, deportados, os imigrantes são alvo de uma semantização negativa e “policialesca”, que inclui intolerância, violência, desemprego, isolamento, preconceito, pobreza, condenação, fiscalização, deportação, expulsão, tráfico ou detenção. (COGO, 2013, p.17).

Embora os jornais analisados exponham a imigração como algo “problemático” e “policialesco”, de todos o mais marcado por essas características negativas é o jornal *Pioneiro*, da RBS/TV.<sup>49</sup>

Em uma enquete de opinião, em sua edição de 17 de agosto de 2014, fez-se a seguinte pergunta: “Há lugar para ganeses e outros imigrantes em Caxias do Sul?” A resposta foi: 30,31% *Sim* e 69,69% *Não* (PIONEIRO, 17 ago. 2014). Isto ocorreu no ano em que o tema da Festa da Uva foi *Na alegria da diversidade*.

Segundo Gomes (2013), o discurso moral da imprensa sobre os imigrantes acaba influenciando outras esferas do estado, como a própria polícia e os próprios órgãos públicos. Foi o que aconteceu em Caxias do Sul. As narrativas na imprensa, que criminalizam os fluxos contemporâneos nos jornais, contribuíram para que os novos migrantes que chegavam a Caxias fossem representados com preconceito, desconfiança e até como não desejáveis. O vereador Flávio Dias (PTB) expôs seu descontentamento em plena sessão da Câmara de Vereadores do Município, realizada em 20 de março de 2014<sup>50</sup>, quando deu a seguinte declaração:

Eu não gostei nada desse pessoal vir para cá. Não vieram trazer benefício para o Brasil coisa nenhuma. Vieram trazer mais pobreza. Então eu não sou favorável a esses caras aqui, de jeito nenhum. O pessoal daqui precisa de muito apoio também e não têm. (*G1RS*, 20 mar. 2014).<sup>51</sup>

Na declaração, o vereador Flávio Dias expõe uma carga de significados entre o “nós” e o “eles”, que se aplica ao mesmo tempo a outros setores da sociedade. Em entrevista ao jornal *Pioneiro*, o prefeito disse que pediria auxílio ao governo federal para manter os senegaleses que estavam na cidade, após entidades de direitos humanos haverem protestado contra o tratamento oferecido aos imigrantes:

Todo mundo foi recebendo os senegaleses sem pedir indicação para a prefeitura, e agora querem uma solução do município. Temos muita gente para atender em Caxias, e não temos, muitas vezes, estrutura para os nossos, mas vou receber a Comissão e ver o que podemos fazer.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> Conhecido como o jornal que está “ao teu lado”, o *Pioneiro* circula desde 1948 e está presente, hoje, em 64 municípios da região de Caxias do Sul. Desde 1993, integra a rede de jornais do Grupo RBS, sendo filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC). Conta com uma equipe de redação com mais de 40 jornalistas, além de colunistas internos e externos. Em 2008, o jornal ganhou o *site pioneiro.com*. Informação extraída da página do jornal, disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/pioneiro/>>.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/vieram-trazer-mais-pobreza-diz-vereador-sobre-imigrantes-no-rs.html>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

<sup>51</sup> Vereador Flávio Dias (PTB). Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/vieram-trazer-mais-pobreza-diz-vereador-sobre-imigrantes-no-rs.html>>. Acesso em: 3 jun.2016. Esta fala ocorreu durante uma sessão da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Foi criticada tanto por pessoas de partidos à esquerda, quanto por movimentos sociais de Caxias do Sul.

<sup>52</sup> Vereador Alceu Barbosa Velho (PDT), em entrevista ao jornal *Pioneiro*, em 16 de julho de 2013.

Para Becker (2003), a opinião pública é a forma que, muitas vezes, o historiador encontra para entender os processos sociais e culturais de uma comunidade, principalmente quando pensada a partir da influência da mídia. Assim, as representações que a mídia faz desse fato ou acontecimento e as possíveis reações da população servem para perceber os jogos políticos que se relacionam com aquele momento histórico.

Daí, além da construção do pânico moral em torno dos imigrantes e do preconceito com a imigração recente, a preocupação com questões como saúde, emprego e segurança e uma possível criminalidade destes haitianos e senegaleses, além, é claro, da doença que entrou no imaginário da população no ano de 2014, o ebola.

A relação entre mídia, imigrantes “africanos” e o momento político que o Brasil estava passando, a polarização política e a imprensa, que muitas vezes apenas reproduzia o senso comum, contribuiu ainda mais para uma visão negativa acerca da imigração, que, apesar de se negar, foi rechaçada devido ao racismo. Foi, então, novamente colocada uma divisão entre “nós” e “eles”, ou, conforme apontam Sacramento e Machado (2015), “nós saudáveis/ameaçados” e “eles doentes/ameaçadores”.

Ancorados em imaginários e ideias partidárias no momento em que o País atravessava momentos difíceis, a crise foi utilizada, tanto política quanto economicamente, até mesmo para mascarar a xenofobia e o racismo. Ainda de acordo com Gonçalves (2015), difundiu-se um imaginário segundo o qual esses imigrantes seriam células comunistas infiltradas no Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

A terminologia utilizada nas reportagens dos jornais e na mídia *online* associava o termo “imigrante” com termos como: “ilegais”, “africanos”, “refúgio”, “estrangeiros”, “asilados”, por sua vez associados às palavras “trabalho” e “emprego”, O que contribuiu para aumentar o pânico moral e o preconceito.

Em uma notícia *online* no site do *G1RS*, sobre uma entrevista concedida pelo prefeito Alceu Velho à *Gazeta de Caxias*, a manchete foi mais direta e incluía, além dos ganeses, outros “africanos”:

“Quero dividir”, diz prefeito sobre “invasão” ganesa em Caxias do Sul. Segundo Alceu Barbosa Velho, 190 estrangeiros chegaram ao município. Prefeitura diz que rede de assistência social não dá conta da demanda. A entrada de imigrantes, principalmente africanos, aumentou nos últimos dias em Caxias do Sul, na Serra do Rio Grande do Sul. De acordo com o prefeito do município, Alceu Barbosa Velho (PDT), pelo menos 190 estrangeiros chegaram à cidade entre a semana passada e o início da tarde desta terça-feira (8). A administração municipal afirma que a estrutura de assistência social do município está sobrecarregada e busca contato com embaixadas em Brasília para tentar resolver a situação. Os estrangeiros vêm em busca de emprego... (*G1RS*, 8 jul. 2014).<sup>53</sup>

Na esteira de Van Dijk (2001), consideramos que os políticos têm condições de oferecer uma reflexão humanizadora e multicultural sobre as questões sociais, ou então estereotipada, colocando os necessitados, no caso os imigrantes, como problema. Entre algumas matérias analisadas, o foco se deu sob a ótica da “invasão” dos imigrantes, representada pelos jornais. Abaixo, algumas matérias e capas da imprensa de Caxias do Sul do ano de 2014:

10 estrangeiros procuram o CAM por semana. (FOLHA DE CAXIAS, 5 mai. 2014).

Imigrantes: Prefeito Pede ajuda a Governo Federal. (GAZETA DE CAXIAS,

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/07/quero-dividir-diz-prefeito-sobre-invasao-ganesa-em-caxias-do-sul.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

12 jul. 2014).

Estado oferece trabalho a africanos. (PIONEIRO, 18 jul. 2014).

Caxias do Sul recebe mais imigrantes. (FOLHA DE CAXIAS, 2 set. 2014).

Em Caxias, cidade da serra, viveu, neste ano, onda migratória de haitianos, durante e após a Copa do Mundo. (PIONEIRO, 14 nov. 2014).

Gomes (2013), ao analisar as representações de jornais portugueses sobre imigrantes ciganos e norte-africanos em relação a crimes de violência, observou a volatilidade do noticiário sobre tais fatos, e correlações, nas páginas dos jornais portugueses: “irrompem e depois desvanecem.

As migrações estão comumente ligadas a momentos de desemprego e a crises. É em situações do tipo que aumenta o volume de matérias. Ainda com Van Dijk (2005), pode-se dizer que os jornais não expõem claramente sua opinião em relação aos novos imigrantes; contudo, quando se referem a eles, deixam implícitas certas questões que fazem com que o leitor tire suas conclusões, como, por exemplo, nos seguintes títulos: “Os estrangeiros vêm em busca de emprego” (*G1RS*, 8 jul. 2014); ou ainda: “Eles vêm em busca de emprego fácil” (Idem).

O levantamento de notícias apresentado indica um tipo de construção midiática segundo o qual os imigrantes, principalmente os não europeus, são narrados como um problema, ao invés de destacar suas contribuições e as oportunidades de trocas interculturais que possibilitam. Poucas vezes suas vozes aparecem nas notícias, mesmo quando são eles as vítimas de preconceito e discriminação.

Como se pode observar em matéria mais recente, de dezembro de 2017, publicada *online* numa sessão chamada Polêmica, em que se fala em “agressão” que envolve um senegalês na rua, a reportagem fala em “suposta agressão a senegalês reabre debate sobre tratamento dado a imigrantes”.<sup>54</sup> Em Caxias, a matéria apresenta o relato do vídeo que circulou na internet. Nela, o senegalês é descrito como vendedor ambulante e como alguém que atrapalhava a rua com seu comércio. As vozes chamadas em defesa dos imigrantes foram as do Centro de Acolhida de Imigrantes e de pessoas que testemunharam o ocorrido. O depoimento do senegalês foi apresentado e a versão do agressor também, mas o imigrante agredido falou bem menos que seu agressor. O que indica como o jornal representa essa população adventícia.

### 3 - História oral com imigrantes haitianos e senegaleses<sup>55</sup>

Segundo Assis e Campos (2009), a experiência migratória coloca em dois lados os indivíduos que migram, em um processo de tradução de culturas, de viver entre dois lugares, com sua originalidade histórica e étnica marcada por uma obscuridade cognitiva e por um sujeito descentrado, pondo em questão os processos historicamente criados “lá” e que criam um campo de significados sobre estar no Brasil e ter deixado anseios e pessoas importantes “lá”. Na pesquisa realizada em Caxias, Menin (2016) também demonstrou o processo de reconstrução dos significados de estar aqui e estar lá para os imigrantes haitianos e senegaleses que chegaram àquela cidade.

A imigração de haitianos para Caxias do Sul inicia-se em maior quantidade a partir de 2011, logo após o terremoto no Haiti, o que não chega a representar um fator decisivo, já que

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2017/12/suposta-agressao-a-senegales-reabre-debate-sobre-tratamento-dado-a-imigrantes-em-caxias-10050272.html>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

<sup>55</sup> Os nomes utilizados são fictícios, a fim de proteger a identidade dos entrevistados. Todas as entrevistas foram realizadas entre outubro de 2015 e março de 2016. Procuramos transcrever as entrevistas e deixá-las mais próximas da forma falada pelos imigrantes.



a mobilidade diaspórica desse povo vem desde sua independência (HANDERSON, 2015). Migrar faz parte da experiência haitiana, devido às crises econômicas e políticas que marcam a história do país. Os destinos preferenciais eram Canadá, Estados Unidos, França e Guiana Francesa. Conforme Assis e Magalhaes (2014), os Estados Unidos são o destino preferencial, totalizando 664.000 haitianos ali residentes. Em seguida, viria a França, com 77.000 emigrantes haitianos; depois, o Canadá, com 70.000, e Bahamas, onde 40.000 emigrantes haitianos atuam no sistema hoteleiro da região ou que apenas usam a região como etapa migratória para os Estados Unidos.

O Brasil não era o destino preferencial desses migrantes, mas, num contexto em que medidas restritas dificultavam cada vez mais a migração para os Estados Unidos e a entrada na República Dominicana e na Europa, o Brasil passou a ser um dos novos destinos. Contribuíram para a colocação do Brasil no rol dos destinos da migração haitiana a presença militar brasileira nesse país, liderando a missão humanitária da ONU, e a estabilidade política e econômica brasileira em meio a um cenário de crise econômica mundial naquele momento, e, muito particularmente, o anúncio do governo brasileiro, logo após o terremoto, de ajuda humanitária no processo de reconstrução do Haiti – medidas que não ocorreram efetivamente, como se pode observar no artigo de Thomaz e Nascimento (2012)<sup>56</sup>.

Esses fatores tornaram o Brasil um dos destinos dos emigrantes – embora nunca tenha sido preferencial – e as razões desta mudança, acreditamos, podem ser encontradas na própria presença brasileira no Haiti. Uma vez atuando no país caribenho, o Brasil acabou por recriar, a seu modo, um fluxo migratório de saída do país, que o imperialismo norte-americano e francês também haviam produzido.

A principal porta de entrada para eles é a fronteira amazônica, via estados do Amazonas e Acre (SILVA, 2015; MAGALHÃES, 2014; HERÉDIA *et al.*, 2015), embora Silva (2015) registre outros pontos de entrada, como a fronteira mato-grossense, ou diretamente por avião. No início de 2011, a principal forma de entrada dos imigrantes foi pela fronteira amazônica. A partir de 2012, começaram a chegar diretamente por São Paulo e, depois, de ônibus até Caxias.

Já os senegaleses iniciam um fluxo mais intenso em 2011, embora a mídia só lhes tenha dado um destaque maior a partir de 2013. Eles também perfizeram a rota dos haitianos pela região amazônica; além deste roteiro, têm recorrido à alternativa oferecida pela Europa, mais especificamente, da Espanha para o Equador, e daí para o Brasil.

A escolha desses dois grupos se deveu à visibilidade e ao impacto social causado na cidade. Em outubro de 2015, a Secretária de Saúde da Prefeitura de Caxias do Sul tinha registrados em seu cadastro 1.709 imigrantes nacionais do Senegal, 1.655 nacionais do Haiti e 39 nacionais de Gana.

De acordo com Uebel (2015) Herédia (2015) Bógus e Fabiano (2015), a migração para o Brasil neste início de século XXI indica que os imigrantes não partem somente das antigas rotas da imigração norte-sul. Essa migração, ocasionada pela crise de 2008, tem mudado diversas direções, crescendo a mobilidade sul-sul. Uebel demonstra que, entre 2006 e 2014, entraram no Brasil 1,9 milhão de imigrantes, com destaque para o grande fluxo de 2010.

Quando se trabalha com memórias de (i)migrantes, trabalha-se também com trânsitos de tempo, ou seja, passado e presente: o passado de seu país e o presente em seus novos locais de destino. Essas mobilidades são permeadas por imaginários sociais, culturais e econômicos. Diante disso, o imigrante em mobilidade diaspórica percebe que está longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e de perda, mas perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada pela imagem da comunidade recriada e

<sup>56</sup> Segundo Tomaz e Nascimento (2012), após o terremoto, o governo brasileiro anunciou projetos ambiciosos de intercâmbio e formação de quadros haitianos em áreas estratégicas como a saúde e a educação, para os quais dotações orçamentárias foram rapidamente aprovadas, mas cuja execução nunca aconteceu. Da mesma forma, anunciou a oferta de 500 bolsas a estudantes da rede universitária haitiana, para os quais se candidataram cerca de 3.500 estudantes, dos quais apenas 80 as conseguiram.

imaginada.

Dentro delas, ele produz imaginações sobre o local onde vai residir, relações que vai fazer. De acordo com Baczko (1985, p. 303), o imaginado é “lugar de expectativas e aspirações”. A comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) é um sentimento autêntico para os indivíduos que migram. Esses imaginários partem tanto da sociedade receptora quanto, é claro, do imigrante que chega:

Depois que eu consegui alugar a sala para a loja falaram para o dono da sala que nós comíamos carne de cachorro e ele veio lá e disse: É verdade que vocês comem carne de cachorro? Olha aqui têm vários cachorros e eu não quero ter problema com isso [risos]. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês. Entrevista em 27 out. 2015.).

Na verdade, assim como nós somos fanáticos por futebol, foi um impacto, a pessoa já tem uma ideia de Brasil, pensamos no Pelé, e outros futebolistas, e nós tínhamos essa ideia de Brasil, a partir de Ronaldo, conhecer o Brasil a partir destas pessoas e o carinho do povo brasileiro que começou lá no Haiti [exército brasileiro] a gente tinha uma ideia. (Joel, 34 anos, imigrante haitiano).

Assim como na fictícia Winston Parva, de Norbert Elias e John Scotson (2000), as calúnias e fofocas sobre os novos imigrantes (*outsiders*), os estigmatizam, considerando-se superiores, expondo seus preconceitos.

As narrativas povoam os imaginários dos imigrantes, da mesma forma que as desilusões, as incertezas e o ressentimento das exclusões e decepções com o Brasil e com os brasileiros:

As pessoas que chegavam para gente e dizem quando chegou: Olha como ele se veste bem! E também diziam: Eles vêm trazer pobreza e roubar nossas empresas. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês).

É oportuno pensar que, ao lado do imaginário de um Brasil mestiço e que acolhe bem seus imigrantes, o imaginário sobre o continente africano e seus países seja de pobreza e miserabilidade, por sua vez, também, estereotipado.

Como já observado anteriormente (MENIN, 2016), no encontro, esse “Outro”, tão imaginado, transforma-se em (res)sentimentos de desilusão. Paisagens, costumes e encantos pelo Brasil são quebrados nesse contato com os imaginários dos “estabelecidos” sobre os novos imigrantes.

Se, por um lado, o imigrante sofre ao se estabelecer na sociedade que o recebe, ainda existem outras questões que estão “lá”, como “esse lugar geograficamente distante”. As várias saudades do imigrante são amenizadas pelas redes sociais.

Diferente dos descendentes de italianos, que não têm como retornar ao passado, ao país dos ancestrais, a não ser por um sentimento afetivo e/ou emocional, na contemporaneidade o que lhes resta é reelaborar essa afetividade na nostalgia. A era da globalização e da tecnologia é o elo do imigrante recente com sua família, e isto pode ser alcançado através dos vários aplicativos, tanto via computadores quanto celulares:

Sinto falta, tem muita coisa, tem falta de comida que aqui não tem e a gente não consegue encontrar, especiarias, temperos [temperos e condimentos próprios do Senegal]. Mas também amizade com as pessoas, relacionamento com a família, embora eu mantenha contato com eles pela internet, *facebook*. (Sheikh, 28 anos, imigrante senegalês).

Por outro lado, estes contatos ajudam a manter os laços com a família. De fato, este

não é um tipo de imigração que rompa com os laços. Isto fica evidente no contato de um imigrante senegalês, Sow, de 29 anos, com sua filha; embora separado, mantém contato com ela através do *facebook*. Assim, continua acompanhando o crescimento da menina através das fotos que ali são postadas. Tais aplicativos representam uma alternativa de contato com a família e mais possibilidade de senti-la presente. Segundo Sow, há lugares no Senegal em que a conexão com a internet não tem sinal; o aplicativo que funciona é o *Viber*, que lhe permite entrar em contato com a família todos os dias.

Diferente das cartas e dos diários de viagens do passado, nas migrações contemporâneas os imigrantes se utilizam dos meios de comunicação e aplicativos da internet que possibilitam o contato imediato com o ente querido “lá”, do outro lado do continente. Esta é uma característica da globalização cultural. Fotos são enviadas do Brasil e sobre o local onde esses imigrantes estão morando ou trabalhando, enquanto de lá são enviadas as fotos de suas famílias, amigos e pessoas queridas.

A comida é algo que liga o imigrante à sua terra natal; é algo que o identifica com tempos e lugares. Moustapha, 27 anos, por exemplo, estabelece uma relação próxima entre comida e família:

Sim, falta...falta minha mãe, do meu pai.. eu ligo todo dia para minha família, todo dia minha mãe chora, eu não quero passar os problemas, mas eu sinto que ela chora. Lá eu sinto falta do *Rosa Cuis*<sup>57</sup>, mas eu gostei da comida daqui, e muito boa, é muito diferente que a comida de lá. Na casa onde moramos têm 5 pessoas e todo dia um fica responsável pela comida. Hoje eu faço comida, amanhã outro faz. Hoje eu fiz arroz com frango, temperos, cebola, alho e todo mundo come junto no mesmo prato, com a mão, como é costume em nosso país (Moustapha, 27 anos, imigrante senegalês).

A noção de Brightwell (2015) sobre sentir-se em casa longe de casa faz sentido, pois é no espaço afetivo em que o imigrante vive com seus sentimentos de pertença, de família e de afetividade. A comida logo recria esse espaço, independentemente de onde esteja. Esses encontros, sejam religiosos ou dominicais, estabelecem um elo entre o que ficou distante do imigrante e reativam sentimentos de familiaridade e proximidade, amenizando a saudade da terra natal.

Além da saudade, o imigrante precisa lidar com outras questões, como a decepção e a ilusão do lugar em que ele chega. Quando o projeto imigratório não é bem-sucedido, ele se depara com vários outros tipos de violações e violências. Das que são visíveis, como a dificuldade da sua inserção no mercado de trabalho, como o racismo implícito, as acusações infundadas e toda sorte de injustiças.

Os imigrantes haitianos que chegaram ao país desde 2010 têm recorrido ao visto humanitário para poder se estabelecer e trabalhar legalmente no Brasil. Embora alguns tenham entrado sem documentos, grande parte conseguiu se regularizar. No caso dos senegaleses, eles procuraram fazer a mesma rota dos haitianos, mas, como não conseguiram se enquadrar na solicitação de visto, muitos entraram com solicitação de refúgio, pois, enquanto seu pedido é analisado, podem permanecer legalmente no país.

O visto humanitário<sup>58</sup> foi uma alternativa criada a partir da crise humanitária causada pela chegada de milhares de haitianos nas fronteiras amazônicas desde 2010. Como o Estatuto do Estrangeiro<sup>59</sup> estava defasado em relação aos novos movimentos migratórios e os haitianos não se enquadravam nos pedidos de solicitação de refúgio, o Conselho Nacional de Migração (CNIg) publicou, em janeiro de 2012, uma resolução que concedia visto

<sup>57</sup> Moustapha conta que é uma espécie de arroz com carne, colocado em um grande prato, onde todos comem em comunhão.

<sup>58</sup> Resolução Normativa n. 97, de 12 de janeiro de 2012, que dispõe sobre a concessão de visto permanente, previsto no artigo 16 da lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, aos nacionais do Haiti.

<sup>59</sup> Lei n. 6.815, de 19 de agosto de 1980.

humanitário aos residentes no Haiti. Essa resolução, inicialmente, limitava a concessão de vistos a 1.200 por ano aos imigrantes desse país. Diante do volume dos que chegavam pela fronteira, essa limitação foi retirada e também os haitianos puderam pegar vistos a partir de outros países. Estas medidas visavam a coibir a migração indocumentada e o tráfico de pessoas na fronteira, pois muitos entravam de maneira irregular, correndo diversos riscos, como o de ser vítimas de coiotes, além de sofrer diversas violências físicas e psicológicas. Segundo Póvoa:

[...] Os controles de imigração, a militarização e fortificação de fronteiras internacionais, os constrangimentos à circulação dos que decidiram ou foram coagidos a se deslocar, seriam manifestações marcadas pela violência [...] os que se deslocam a contornos de grandes riscos e à atuação de contrabandistas e traficantes de seres humanos. Reforçando a atuação de redes criminosas ligadas à migração e fornecendo argumentos aos movimentos políticos de cunho xenófobo, as barreiras anti-imigração ajudam a manter na ordem do dia o discurso contra o imigrante como desnecessário e “invasor”. (PÓVOA, 2010, p. 470 e 471).

Entre os entrevistados, atravessar as fronteiras para chegar ao Brasil não tem sido nada fácil. Houve surpresas e desgostos, violações e violências de toda ordem. Relatamos aqui a história do trajeto de dois imigrantes, um senegalês e um haitiano, respectivamente.

Moustapha, o primeiro deles, é muçulmano. Como os demais entrevistados, é de Dakar, tem 27 anos. Em seu país, estudava licenciatura em Sociologia. É solteiro. No Brasil há seis meses, veio junto com um amigo. Conta que para viajar para cá pediu dinheiro emprestado aos pais, aos irmãos mais velhos e aos tios.

No Senegal<sup>60</sup>, ficou sabendo que no Brasil havia muitas oportunidades de emprego, coisa que ele não encontrou desde que aqui chegou. Ele não tinha condições de permanecer em sua terra, pois ganhava muito pouco; trabalhava por dia. Do Brasil ficou sabendo através de amigos que já estavam em Caxias do Sul.

Estes relatos evidenciam a importância das redes sociais como forma de atração de imigrantes de certos locais na origem para certas localidades no destino, como observado em vários fluxos migratórios, dentre eles os de brasileiros rumo aos EUA (ASSIS, 2011), mas também demonstram que as redes são transnacionais e cruzam informações entre grupos nacionais, pois senegaleses vieram pela rota dos haitianos:

Lá não tem trabalho [Senegal] – como explicar? –, lá tem muito problema. Você é estudante, termina tudo, os estudos, e tu não trabalha. Sabe, tu vives tudo em família, pai, mãe, irmã, irmão, tudo vive em família. Todo mundo mora junto. Lá meu pai não trabalha; minha mãe não trabalha. Eu estudava e ajudava em um mercado; terminava de ajudar, ele me dava dinheiro e eu levava para casa. Tenho quatro irmãs e dois irmãos. Então decidi partir, fui de Senegal para o Equador e do Equador passei por Peru e fui ao Acre – Rio Branco e depois a São Paulo e depois cheguei aqui. Mas a viagem foi muito difícil, muita dificuldade no Equador, passei por fora [se refere a não ser preso] a pé, não tinha onde dormir, não dormi; passava a noite caminhando. Passei 10 dias no Equador; não tinha ônibus. Passei por Peru, na capital Lima, depois passei pela floresta por balsa e a pé. Sofri violência física; teve violência. Fiquei no posto da polícia de Peru três dias; depois a polícia do Peru pegou [apanhou] meu dinheiro, e mandou que fossemos embora. Depois, no Brasil, a polícia pega os teus documentos e

<sup>60</sup>Entre os entrevistados senegaleses, alguns solicitavam refúgio, outros não. Segundo relataram, tinham vindo sem solicitação. Entre os haitianos, todos tinham entrado no país com visto humanitário. Segundo a Polícia Federal de Caxias do Sul, em 2015 foram feitos 400 pedidos de refúgio por parte de senegaleses e ganeses.

não tem problema; o problema é Equador para o Peru. (Moustapha, 27 anos, imigrante senegalês).

Parafrazeando Póvoa (2010), as migrações contemporâneas são verdadeiras “barreiras”, sejam elas de contenção ideológica, econômica, política e, claro, com muros e cercas que impedem o migrante de atravessá-las. Frequentemente, de forma negatizada por parte de um setor da mídia impressa, digital e televisiva, que, do mesmo modo, a considera uma barreira a mais para o imigrante.

A imigração faz com que o imigrante deposite todas as suas expectativas no país ao qual está se dirigindo. São expectativas de ordem familiar, individual e, claro, econômica, tanto para fazer o trajeto quanto para depois enviar dinheiro à família.

Esta aspiração é construída junto com a de outros imigrantes, que já estão no Brasil e informam como devem proceder para a travessia os que ainda estão em seus países de origem. Alguns relataram violência por parte de agenciadores que os auxiliam na passagem. Tais violências são de ordem física e moral. Trata-se, na verdade, de redes de tráfico imigrante, já estudadas por Assis (2008).

A segunda história é de Joel, imigrante haitiano de Porto Príncipe, 34 anos, Estava no Equador fazendo um curso de Refrigeração Geral, quando soube das oportunidades no Brasil. Casado e pai de família, chegou a Caxias do Sul em 2013, depois de vários conhecidos já estarem no Brasil, inclusive um irmão seu. Veio acompanhado de seu pai. Conta um pouco a respeito da decisão de partir, de sua viagem e das violências que sofreu durante o trajeto:

Eu vim porque meu pai e muitas pessoas passaram por mim dizendo: “Vou ao Brasil!” E aquela emoção de que todos vão e somente eu fico. Eu pensei: não, eu vou fazer uma experiência em minha vida, vai ser um conhecimento a mais para mim. Então eu deixei de viver lá [Equador] e vim para o Brasil, acompanhando a ele, mas aqui no Rio Grande do Sul já tinha meu irmão; então já sabia, na verdade eu sabia, que eu iria encontrar com ele de novo. Quando eu cheguei aqui meu irmão já estava aqui há dois anos.

Na verdade, durante o percurso para vir para cá [2013], passando pelo Peru, existe uma violência lenta no caminho. Eles acham que nós viajamos com muito dinheiro e roubaram nosso dinheiro e usaram estratégias de captura: nos colocaram em um quarto, embora grande, mas com mais de 100, 120 pessoas no mesmo lugar, e eles falaram que me ajudariam a passar pela fronteira Peru X Brasil, só que eles começaram a me pedir dinheiro. Eram vários deles, e se não se consegue dinheiro, tem que ligar. E isso é uma violência, não!? Tem que ligar lá para as pessoas, lá no Haiti, avisando que nós não estamos chegando e tem que mandar dinheiro. Mesmo que não tenha, se não eles pressionam se você não tem dinheiro, não vai poder viajar, vai morrer de fome ali, e eles não dão comida e assim eles conseguem dinheiro para que liberassem as pessoas, para que eles pudessem seguir viagem. Isso os peruanos. Passando pelo Peru, tem que passar por isso; é uma violência. Não existe uma pessoa que passe pelo Peru e não sofre esse tipo de violência. E a maioria dos haitianos eles entendem o espanhol, porque temos fronteira com a República Dominicana e tem muitos que moraram lá na República Dominicana e também no Equador; tem muitos que não conseguiram dinheiro quando chegaram lá no Equador, e tem muitos que ficam três meses, quatro meses parado lá, até conseguirem dinheiro para seguir o caminho passando por Peru. Então essas pessoas, desde o começo de Equador até a fronteira, as pessoas já têm que pagar para passar, porque tem que passar escondido.

Aí fica lá sem comer; se quer continuar viajando, tem que ter alguém que manda dinheiro, senão você fica lá. Por parte terrestre, tinham essas pessoas, só fazem isso; não existe um imigrante haitiano que tenha vindo por terra que não tenha sofrido isso, porque o caminho é o mesmo, né?! (Joel, 34 anos, imigrante senegalês).

Pelos relatos, a imigração é, para quem a enfrenta, um suspiro de esperança. No caso de Joel e de outros, a vida tem um sentido diaspórico. Ele mantém contato com vários amigos e irmãos que estão em outros países – em vários países da América Central e do Norte –, criando uma rede transnacional de contatos (ASSIS, 1995), construindo uma identidade transmigrante:

Na realidade, o Haiti é um país pobre. Existiam pessoas que não estavam em uma condição boa e tudo o que aconteceu incentivou as pessoas a saírem de lá. Se estamos falando a verdade, as pessoas que chegaram aqui era pessoas que já não estavam bem lá, economicamente falando. Teve pessoas que estavam trabalhando e saíram de seus empregos, pegaram o dinheiro e falaram: “*Ah, lá fora é melhor!*”! Quer fazer uma experiência; e chega aqui é tudo diferente, né, porque, chegando em um país sem falar língua, digo assim se estivesse bem lá, bem de condição economicamente, ficava lá e fazia toda minha vida lá. (Joel, 34 anos, imigrante senegalês).

Os imigrantes enxergam, no horizonte, expectativas – no sentido atribuído por Koselleck (2006) – que entrelaçam passado e futuro em seus sonhos. Se sonhar é realidade, a realidade do imigrante é bem mais difícil que suas expectativas:

Então o acontecimento de 2010, aquele desastre deixou a situação bem difícil mesmo, e a dificuldade que o país se apresentou depois do terremoto, acham que tem o futuro lá fora em um país estável. Então, pensamos que teremos uma vida garantida, mais produtiva; então; a vida antes do terremoto não estava boa; depois do terremoto piorou a situação de muitas pessoas. Inclusive, eu estava em uma missão, terminei minha missão depois do terremoto e eu decidi de sair do país; eu via tudo quebrado, as ruas estão quebradas, as casas estão caindo e as pessoas e as pessoas que não saíram de lá são pessoas que não conseguiram o dinheiro para sair. Se o país estivesse bem, ficaria no país. (Joel, 34 anos, imigrante haitiano).

Pelo contato com o “outro”, novas culturas, novas línguas, a decisão de partir e deixar os seus é muitas vezes difícil. Além disso, o imigrante sempre está disposto a crescer, a ajudar o país que o recebe (SAYAD, 1998). A língua, por isso, é a primeira coisa que ele precisa aprender, assim como os códigos para se localizar dentro dessa nova sociedade. Deve, no dizer de Dantas (2010), reaprender a viver. A mudança significa ruptura com a sua cultura, não com a família, já que os laços não se perdem:

Quando eu cheguei em 2010 estava difícil. Eu cheguei com mais quatro pessoas; os primeiros que chegaram aqui, sabe. E foi difícil porque a gente [as pessoas] não estavam acostumadas com os imigrantes africanos e tal; então não é nada fácil. Porque a gente chega em um lugar diferente, a cultura, e foi uma loucura; mas a gente se esforça e deixa a família. Então é uma coisa que não é tão fácil como a gente imaginava; mas estamos encontrando muita gente que ajuda para agilizar a documentação, mas foi difícil, foi difícil. Ali na Câmara de Vereadores teve gente que disse que eles vieram para roubar nosso emprego; vai roubar nossa empresa. Mas se a gente chega refugiado aqui, sem emprego, sem falar português e consegue o emprego e o brasileiro que mora aqui tem casa aqui, que entende o português não conseguiu emprego, o problema não é do imigrante, é do brasileiro; então não somos nós que vamos roubar emprego. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês).

É importante destacar que, antes da crise de 2014, os jornais de Caxias do Sul

publicavam manchetes sobre a falta de pessoas para trabalhar. Mesmo com a crise, algumas destas vagas foram preenchidas por imigrantes, já que não eram ocupadas por nacionais. Esse tipo de problemática tem um estudo em Caxias do Sul (HERÉDIA et al., 2015). Exemplo disso é a matéria publicada em 14 de abril de 2012 pelo jornal *Pioneiro*, que tinha como manchete: “Donos de bares e restaurantes flexibilizam requisitos para suprir mão de obra” (PIONEIRO, 14 abr. 2012).

Durante as entrevistas, vários imigrantes relataram terem sido colocados em horários de fábrica que ninguém queria, ou então em setores mais difíceis – de noite, em aviários, fazendo o trabalho mais árduo, carregando cimento na construção civil –, além de não impetrarem férias e direitos trabalhistas. Abaixo, um imigrante relata o que viveu:

A vida dos imigrantes está nas mãos dos empresários, uma vez que o governo não...uma vez que não sai a lista, há duas coisas que é preciso para conseguir o emprego; que é a carteira de trabalho e o CPF para poder andar em qualquer lugar; depois disso, então, eles entregam a vida dos imigrantes na mão dos empresários. Eles [os empresários] é que tomam a decisão e que tomam conta. Essa é uma situação bem grave que os imigrantes, principalmente os haitianos, porque vários já morreram também nos trabalhos. Desde que estamos aqui, não chegamos ao ponto de sair na rua pedindo dinheiro, porque somos muito unidos. Quando estamos trabalhando, nós reunimos o grupo de haitianos para encontrar uma saída; então ajudamos com cinco reais, dez reais, para fazer uma cesta básica para que aquela pessoa passe umas duas semanas bem. (Joel, 34 anos, imigrante haitiano).

A fala de Joel é significativa. Expõe as dificuldades dos imigrantes haitianos, semelhantes, conseqüentemente, às dos senegaleses, devido à falta de políticas de acolhimento, o que mostra sua situação de vulnerabilidade. Em seu relato também é significativa a importância das redes e dos próprios grupos de apoio criado entre os imigrantes. Antes de emitir o CPF, o imigrante acaba trabalhando na informalidade, exposto a todo tipo de violência e violação de seus direitos. Segundo Tedesco e Herédia (2015), a questão dos abusos referentes aos trabalhos dos imigrantes em Caxias do Sul é que muitas vezes eles não têm a quem recorrer, embora, como já afirmado, a imigração crie espaços e disputas políticas.

Se as condições de vida não são das mais favoráveis no Brasil, parafraseando Assis (1995), retornar, para o imigrante, é mais difícil do que partir. O retorno pesa mais para ele, pois dele se espera que retorne a seus melhor do que quando saiu:

Não tem trabalho, se você for em uma empresa e não fala bem o português, eles não pegam e dizem agora não tem. Lá no Sine [Sistema Nacional de Emprego] me disseram que todo dia tem vaga, menos para estrangeiros. (Moustapha, 27 anos, imigrante senegalês).

Ao chegarem ao país, ou mesmo antes de partir, através da rede de computadores, mediados pela tecnologia, conseguem informações sobre mercados de trabalho em potencial. A documentação provisória é conseguida junto à Polícia Federal. Parcela expressiva de refugiados senegaleses e ganeses fixou-se no sul do estado de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. O emprego informal a que muitos destes imigrantes acabam se submetendo favorece abusos por parte dos empregadores. Alguns não pagam férias, seguro desemprego e hora extra, justamente por conta da informalidade do empregado. Os imigrantes senegaleses têm uma justificativa para esse descumprimento:

Eles fazem isso porque você é africano, eles fazem isso porque tu é de outro país, tu não é brasileiro. Tem empresa boa, mas tem empresa que a gurizada tá sofrendo bastante, porque eles acham que como a gente não fala

português eles podem fazer o que querem, não pagaram certinho; nós já acompanhamos diversas causas de acidente de trabalho aqui e as empresas se negam a dar auxílio, em casos de acidente de trabalho. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês).

Nessas mobilidades internas, a “economia” está sempre impulsionando os imigrantes para outros locais. No caso dos imigrantes haitianos e senegaleses, oriundos de uma diáspora histórica, o trabalho é algo que impulsiona para outros espaços, pois a sua “sobrevivência” depende do trabalho e do salário, bem como da realização do sonho que o impulsionou antes de partir.

Não, na verdade entrou pouco dinheiro depois que eu cheguei ao Brasil, e para mandar para lá fica difícil, entendeu!? A intenção era mandar dinheiro. Mas muitas vezes se consegue um mês e depois não se consegue mais: tem que pagar água, tem que pagar aluguel e as pessoas que conseguiram na verdade são poucas. No começo, sempre é difícil, mesmo que tem tempo, mas o salário não está suficiente para pagar todas essas despesas e mandar dinheiro lá, só vou sobreviver enquanto dá... (Joel, 34 anos, imigrante haitiano).

Aí vai juntando dinheiro, pouco a pouco, durante dois anos, um ano, e traz a família. Come menos para poder alcançar essa meta, gasta menos para poder trazer. E a maioria, tem muitos que sofrem, quer trazer, trabalham seis meses e às vezes os empresários mandam embora e acaba com o sonho. Aqui em Caxias é muito forte isso. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês).

O sucesso do projeto migratório está muito atrelado a emprego e a recursos que com ele se possam buscar. Entre os senegaleses, o trabalho é um ato de fé. Foi o que ouvimos de um deles durante o trabalho de campo, que estava apreensivo, pois não conseguia emprego: “O trabalho liberta”.

As redes, os espaços de sociabilidade e a religiosidade não correspondem somente aos laços criados na imigração; não se limitam a assuntos relativos ao trabalho, e menos ainda reduzem o imigrante a pura “mão de obra” (TEDESCO e MELLO, 2015). Quem integra as redes são indivíduos culturais, históricos e territorializados, com crenças, saberes e fazeres próprios que modificam os laços e a própria sociedade receptora.

Neste sentido, as redes de parentesco, amizade e origem (ASSIS, 2011; MENIN, 2016; HERÉDIA e TEDESCO, 2015) são importantes mecanismos que interligam, de certa maneira, os imigrantes, tanto os que partiram, quanto os que ficaram e, posteriormente, quando de sua chegada ao país. Entre haitianos e senegaleses, essas relações ocorrem no momento em que deixam próprio país e quando chegam ao outro:

Eu vim para São Paulo; eu fiquei em São Paulo dois dias e depois para Caxias do Sul. Meu irmão já estava aqui. Agora, este ano, ele retornou para o Senegal. Ia fazer quatro anos que ele estava aqui. Eu falei para ele ir, porque meu pai sempre estava perguntando dele. Ficou bastante tempo fora. (Sow, 29 anos, imigrante senegalês).

Sow, imigrante senegalês, muçulmano, está em Caxias do Sul há dois anos e trabalha em uma panificadora, como atendente à noite, e, de manhã, como camareiro em um hotel.

Segundo Assis (2011), as redes no projeto migratório servem de ligação entre os que ficaram e os que partiram. Esses laços, que continuam através de mensagens pelo *facebook* e pelo aplicativo *whatsApp*, são trocados com pessoas com as quais o imigrante tem algum vínculo de parentesco desde antes de vir a Caxias do Sul. Sow tinha contato com parentes; no caso, um irmão que havia chegado antes.



Quando da chegada dos primeiros imigrantes, as redes de apoio não estavam firmadas; no entanto, com o passar do tempo, as lideranças de cada grupo foram se responsabilizando pela organização das associações de imigrantes em Caxias do Sul.

## **Conclusão**

As trajetórias aqui narradas não encerram a discussão sobre imigrantes e imigrações, principalmente em relação à história do tempo presente. A chegada dos novos imigrantes, em Caxias, nesse início do século XXI, como também em várias regiões do país, marcada pelas narrativas das contribuições no passado dos imigrantes europeus, se depara com os desafios da acolhida e da inserção no social, no laboral e no cultural dos migrantes do tempo presente.

As narrativas dos imigrantes recentes mostram que quando chegaram vieram em busca de uma terra de oportunidades, compartilhando da visão do Brasil como país acolhedor, que “recebe de braços abertos o estrangeiro”. Aqui chegaram em busca da terra do futebol e de uma suposta democracia racial. No entanto, nem sempre tais representações corresponderam às suas vivências. Embora acolhidos pelas entidades pastorais e grupos de apoio a migrantes, não sentem o mesmo, de maneira geral, de parte da população. Os relatos atestam casos de preconceitos e discriminação, principalmente racial, nunca sentidos antes por eles. Além da violência simbólica e xenófoba sofrida, há histórias reproduzidas pela imprensa que despertam visões ainda mais negativas.

Voltando ao ponto de partida e de referência do artigo, em Caxias, tanto o imaginário quanto o noticiário fixam a migração italiana como estereótipo do migrante desejável, o que leva a excluir os que não fazem parte destas representações. No imaginário da cidade, sobrevivem os italianos, os “velhos”, os braços civilizadores, o passado nostálgico e laudatório, enquanto o presente é visto como problema a partir das representações dos novos imigrantes. A cidade de Caxias do Sul, no tempo presente, é o resultado de renegociação de processos de identificações, ou seja, da construção e reafirmação de imaginários de migração italiana com base na sobrevivência de suas narrativas. Há, assim, uma arquitetura a sustentar essas italianidades, sempre reconstruídas ao longo da história da cidade.

Mais que serem “pesquisados”, os imigrantes recentes querem oportunidades, respeito e dignidade humana. Na condição de historiadores do tempo presente e parafraseando Koselleck, desejamos ver isso concretizado. Para tanto, com Taylor (1994), também admitimos que o reconhecimento se deve dar em ambas as esferas: a da condição humana, mais notadamente com a imigração recente, e a do poder público por direitos, estabelecendo políticas públicas para todos os imigrantes, sabendo reconhecer as diferenças culturais e étnicas.

Por parte da sociedade civil, o imigrante recente é transformado por narrativas, histórias, versões, preconceitos, em problema. O estabelecido não admite também estar causando problemas, nem se considera indivíduo de privilegiado. Por isso, faz sentido discutir o termo “branquitude/italianidade” a partir das representações dos jornais caxienses, que reproduzem discursos e preconceitos e constroem a marca da italianidade não problematizada.

Ao se analisar as narrativas de migração, se torna possível ver como essa marca é situada e legitimada dentro de “padrões”, sendo constantemente (re)negociada, como passa a ser realçada com a presença dos novos migrantes não brancos que chegam à cidade. É por essa diferença étnica, uma novidade para o lugar, que o imigrante haitiano e o senegalês são o “outro” que coloca em questão a branquitude e dá visibilidade a outras etnicidades que já estavam presentes na cidade mesmo antes de sua chegada, e que agora também fazem parte de sua história – aliás, desde que se tornou um polo de atração para outros grupos de migração interna.

No momento da conclusão deste artigo, queremos voltar a frisar o desafio com que se deparam os imigrantes dos quais acompanhamos as trajetórias de vida. Os imigrantes

haitianos e senegaleses, recentemente chegados, vivenciam um momento de grave crise econômica e política no país, bem diferente do momento em que aqui chegaram, quando as imagens faziam dele uma terra de oportunidades. Este cenário tem impacto, não apenas na inserção do migrante no mercado de trabalho, pois sobram para ele os empregos mais precários, instáveis, de alta rotatividade, portanto, mais sujeito aos impactos do desemprego, como também às dificuldades de inserção social e cultural. A fragilização das condições econômicas e o aumento do desemprego geram mais preconceito e discriminação em relação aos imigrantes, principalmente pobres e negros vindos do sul global.

Por fim, algo a se registrar neste cenário complexo de acolhida aos novos imigrantes e de desafios a políticas de acolhimento. Vale registrar que foi aprovada uma nova lei migratória, a Lei n. 13.445/2017, que veio para substituir o Estatuto do Estrangeiro, da década de 1980, considerada uma legislação muito marcada pela ideologia da segurança nacional, resquício da ditadura militar. A nova lei representou uma legislação avançada em relação ao Estatuto do Estrangeiro, pela perspectiva de compreender a mobilidade humana sob a ótica dos direitos humanos. Como sua aprovação ocorreu num momento da conjuntura acima descrita (crise econômica e política), houve manifestações de ruas contra a nova lei. Mesmo aprovada, teve 19 vetos, dentre os quais o que vetava o artigo que anistiava os imigrantes que viviam no Brasil à época de sua aprovação.

A expectativa para imigrantes, associações de defesa dos imigrantes, estudiosos e todos que os defendem que migrar é um direito humano, era como seria a regulamentação da nova lei. Em novembro de 2017, no decreto de sua regulamentação, foram publicados vários artigos que ferem os próprios princípios e normativas da lei aprovada. Com uma regulamentação mais conservadora que a lei, mais uma vez os imigrantes ficaram na expectativa de que o país imaginado como terra de acolhida possibilite efetivamente políticas públicas de acolhimento e integração social, política e cultural.

Os haitianos e senegaleses, que narraram seus sonhos e expectativas, continuam a chegar em busca de oportunidades. O desafio é tratar os migrantes do presente com políticas públicas e de acolhimento como existiram em alguns contextos no passado. A imprensa tem um papel importante neste aspecto, que é o de mudar a abordagem, deixando de apresentar versões míticas da migração do passado, apresentando o imigrante do presente como problema e não como oportunidade de trocas e de diálogo intercultural. A contribuição deste artigo é trazer as experiências dos imigrantes, seus relatos sobre seu ir e vir, suas expectativas, para dar conhecimento das histórias de povos em movimento no mundo contemporâneo e ajudar a repensar preconceitos e aspectos de acolhimento.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSIS, G. de Oliveira; CAMPOS, Emerson C. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 80-99, 2009.

\_\_\_\_\_; MAGALHÃES, Luis F. Migrantes indesejados: a diáspora haitiana no Brasil e os desafios da política migratória. In: SILVA, Sidney A.; ASSIS, G. O. **Em busca do Eldorado**: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: Editora Universidade de Manaus, 2016. v.1, p. 209-251.

\_\_\_\_\_. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo. As experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 219-250, 2008.

\_\_\_\_\_. **De Criciúma para o mundo:** rearranjos familiares dos novos imigrantes brasileiros. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estar aqui... estar lá...** Uma cartografia da vida entre dois lugares. 1995. 243 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África**. Brasília: Unesco, 2010. v. 1, p. 167-212.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5, Anthropos-Homem, p. 296-332.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto-e-Vírgula**, [S.l.], n. 18, out. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29806/20723>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BRIGHTEWELL, Maria das G. Sentir-se em casa longe de casa: A comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 60-78, 2015.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 173-191, 1991.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v. 2.

COGO, Denise. Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de mediação dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 4, n. 1/2, p. 11-32, 2013.

DANTAS, Sylvia D. Culturas em xeque e o desafio do psicológico de ser entre dois mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão. In: PACELLI, Ademir (Org.). **A experiência migrante:** Entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DIJK, Teun Van. Discurso y racismo. In: GOLDBERG, David; SOLOMOS, John. **The Blackwell Companion to racial and ethnic studies**. Oxford: Blackwell, 2001.

DIJK, Teun Van. Nuevo racismo y noticias. Un enfoque discursivo. In: NASH, Mary. **Inmigración, género y espacios urbanos**. Los retos de la diversidad. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000.

GOMES, Sílvia Andreia da Mota. **Criminalidade, etnicidade e desigualdades**. Análise comparativa entre os grupos nacionais dos PALOP e Leste Europeu e o grupo étnico cigano. Tese. 2013. 432 f. (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade

do Minho, Braga, 2013.

\_\_\_\_\_. A construção do pânico moral sobre os ciganos e os imigrantes na imprensa diária portuguesa. **Latitudes**, Maceió, v. 7, p. 187-217, 2013.

GONÇALVES, Maria do Carmo Santos. “Salaam Aleikum”: O aspecto Religioso na dinâmica migratória dos senegaleses para Caxias do Sul, RS. In: HERÉDIA, Vania (Org.). **Migrações internacionais**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 43, n. 21, jan./jun. 2015.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; TEDESCO, João Carlos. O lugar dos imigrantes nos espaços de trabalho em Caxias do Sul: o caso dos senegaleses. In: HERÉDIA, Vania (Org.). **Migrações internacionais**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC. **PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n.28, p. 223 – 256. jan./jun. 2014.

MENIN, Assis Felipe. Novos imigrantes em Caxias do Sul (RS): identidade e história oral. **Ponto-e-Vírgula**, [S.l.], n. 20, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/31176/21610>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MORATTI, S. F.; ASSIS, G. O. Análise de representações de fluxos migratórios contemporâneos na narrativa jornalística brasileira sob a perspectiva do conceito de pânico moral. **Interin**, Paraná v. 22, n. 1, p. 111-130, 2017.

PAGNOTTA, Chiara; DE OLIVEIRA ASSIS, Gláucia. Os italianos no espaço público de Santa Catarina (Brasil). Entre epopeia e festas étnicas. **Confluenze**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 78-106, jul. 2017. Disponível em: <<https://confluenze.unibo.it/article/view/7078>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos. A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ebola. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 28, p. 25-47, 2015.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney Antônio da. A Amazônia nas rotas das migrações: o caso dos haitianos e os desafios às políticas públicas. **Territórios e Fronteira**, Cuiabá, v. 8, n. 2, jul./dez., 2015.

TAYLOR, Charles. La política del reconocimiento. In: \_\_\_\_\_. **El multiculturalismo y la “política del reconocimiento”**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

THOMAZ, Ribeiro Omar; NASCIMENTO, Sebastião. Fronteira social e fronteira de serviço. **O Estado de São Paulo**, 28 jan. 2012. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,fronteira-social-e-fronteira-deservico,828430,0.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

TEDESCO, João Carlos, HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. O lugar do imigrante nos espaços de trabalho em Caxias do Sul: O caso dos senegaleses. In: *Migrações internacionais*. HERÉDIA, Vania (Org.). Caxias do Sul-RS: Belas-Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. MELLO, Pedro Alcides Trindade. **Senegaleses no Centro-Norte do Rio Grande do Sul**: imigração laboral e dinâmica social. Porto Alegre: Letra e Vida, 2015.

UEBEL, Roberto Rodolfo. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul neste início do século XXI**: Redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa. 2015. 249 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ZANINI, Maria C. e SANTOS, Miriam O. O trabalho como “categoria étnica”. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, n. 33, p. 177-198, jul./dez. 2009.

ZANINI, Maria C. **Italinidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

Recebido em outubro de 2016.  
Aprovado em janeiro de 2018.